



EM BUSCA DA CONSTRUÇÃO DE UM IDEAL FEMININO: IMAGENS E TEXTOS NAS PÁGINAS DA REVISTA “MARIA”

SEARCHING FOR THE CONSTRUCTION OF AN IDEAL FEMALE:
PICTURES AND TEXTS ON PAGES OF THE MAGAZINE “MARIA”

*Walter Valdevino do Amaral**

RESUMO

Os estudos de gênero têm trazido contribuições importantes para a historiografia, principalmente no que diz respeito ao papel feminino na História. Dessa forma, este trabalho procura demonstrar como a Igreja Católica tentou dominar os corpos e mentes de mulheres, utilizando-se de discursos normalizadores para atender seus interesses religiosos, culturais e sociais. Para demonstrar como esse fenômeno ocorreu, analisaremos um veículo de imprensa que circulava em Recife no período em questão, a revista “Maria”, ligada diretamente a associação da Pia União das Filhas de Maria. Esta revista direcionada para as mulheres das classes média e alta da cidade do Recife. Portanto, nossa pesquisa analisa o período de 1937 a 1945, com o intuito de mapear e analisar quais matérias, colunas e poemas representam exemplos de discursos normalizadores, com o interesse de imprimir nas suas leitoras os deveres de uma boa católica. Nesse sentido, utilizaremos como referenciais teóricos os estudos de gênero proposto pela historiadora Joan Scott e conceito de normalização desenvolvido pelo filósofo Michel Foucault; como proposta metodológica, utilizaremos as contribuições da historiadora Tania Regina de Luca para o uso e análise dos periódicos.

Palavras-chave: Gênero. Religião. Periódicos.

ABSTRACT

* Doutor em História pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU (2018), com período sanduíche na Universidade de Lisboa - ULisboa (05/2015 a 04/2016). Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP (2010), com período sanduíche na Universidade Metodista de São Paulo - UESP (02 a 06/2009).



The gender studies have been making important contributions for historiography, particularly with the feminine place in History. Thus, this research looks for demonstrate how the Catholic Church tries to dominate women's bodies and minds, using normalizing speeches to meet their religious, cultural and social interests. To show the way that phenomenon happened, we analyze a kind of media circulating in Recife during the period in question, magazine "Maria", bind to the association of Pia União das Filhas de Maria. This periodical directed to women from the middle and upper classes in the city of Recife. Accordingly, our research analyzed the period from 1937 to 1945, with the purpose to map and analyze which articles, columns and poems, shows the records of normalizing speeches, with the interest in persuading their readers of duties of a good Catholic. Therefore, we use as theoretical references the gender studies considered by the historian Joan Scott and the concept of normalization developed by the philosopher Michel Foucault; as a methodological proposal, we use the contributions by the historian Tania Regina de Luca for use and analysis of journals.

Keywords: Gender. Religion. Periodicals.

1 LEITURAS E CONSTRUÇÕES HISTÓRICAS A PARTIR DOS PERIÓDICOS

Escrever a história através dos periódicos sempre foi um desafio para os historiadores/as. O uso de periódicos se tornou frequente ao longo do século XX. Com o aumento exponencial da indústria cultural e do crescimento das revistas ilustradas esses documentos se tornaram cada vez mais importantes e foram sendo valorizados ao longo das décadas. Sua relevância para a vida cotidiana está nos elementos informativos, propagadores de ideologias políticas, sociais, culturais, religiosas etc., estando conectados a inúmeros projetos de sociedade.

Os *mass media* se tornaram, devido a sua importância, algo incontornável, em muitos momentos e, muitas vezes, colaboraram na complementação da documentação, quando há lacunas ou, como tem sido mais frequente, como documento central nas nossas análises. Dessa maneira, lendo a história através desses documentos, podemos compreender os interesses de grupos, como a Pia União das Filhas de Maria. Tendo em vista que, as revistas representam uma documentação oficial dessas instituições e, que, através de sua análise podemos compreender parte do discurso do grupo e sobre o grupo.

A revista é definida pela historiadora Tania Regina de Luca como publicações "de periodicidade mais espaçada [do que o jornal], enfeixadas por uma capa e com maior diversidade temática" (LUCA, in: PINSKY, 2005, p. 131). Ainda sobre os periódicos,

de acordo com ela, na análise dos impressos, sejam eles revistas ou jornais, é importante atentar para a materialidade deles, ou seja, como se constituem fisicamente, quais tipos de papel foram usados, qual o tipo da impressão, abordar o *layout*, imagens, cores ou falta dela. Assim, pode-se descrever o documento não apenas em seu conteúdo, mas levando em consideração a técnica que permitiu com que ele emergisse. Portanto,

é importante estar alerta para os aspectos que envolvem a materialidade dos impressos e seus suportes, que nada têm de natural. [...] Historicizar a fonte requer ter em conta [...] as condições técnicas de produção vigentes e a averiguação, dentre tudo que se dispunha, do que foi escolhido e porquê (LUCA, in: PINSKY, 2005, p. 132).

Paralelamente a isso, destacamos as funções sociais dos impressos, ou seja, seus usos como elemento componente de projetos específicos de sociedade. No caso da revista “Maria”, compreendemos que, o projeto de sociedade que perpassava pelas suas páginas, reforçava a construção e/ou manutenção social baseada nas relações de gênero, descrevendo e indicando quais papéis deveriam ser desempenhados por homens e mulheres. Especificamente no que concerne a submissão das mulheres aos homens, quer sejam eles pertencentes ao clero ou não.

A historiadora Joan Scott, num estudo pioneiro sobre os estudos e gênero, fez uma correlação integral entre duas proposições acerca dessa temática: gênero sendo constituído de relações sociais embasadas pelas diferenças percebidas entre os sexos e o gênero como elemento fundamental para dar significado às relações de poder. Ainda segundo essa autora, o gênero é um elemento de relação social, que pode ser compreendido em quatro componentes essenciais: os símbolos culturais que retratam as representações simbólicas, como Eva e Maria, por exemplo; os conceitos normativos encontrados por meio da religião, ciência, política, educação, que categorizam a concepção de homem e mulher; as instituições e organizações sociais e a identidade subjetiva (Cf.: SCOTT, 1995).

Portanto, as relações de gênero não são dadas pela natureza, mas sim, por uma construção sociocultural que procura enquadrar os sujeitos dentro de posturas predeterminadas, construídas historicamente, sendo uma de suas principais finalidades o domínio dos corpos. Pois como afirma Joan Scott:

[...] o termo “gênero” torna-se uma forma de indicar ‘construções culturais’ - a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. “Gênero” é, segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado (SCOTT, 1995, p. 75).

Nesse sentido, quando realizamos uma análise acerca da representação do papel do gênero feminino na revista “Maria”, percebemos a tentativa da anulação do sujeito em detrimento de seu papel na sociedade. Uma vez que, as mulheres eram vistas como: a mãe que deveria cuidar dos filhos, a dona de casa, a esposa símbolo de obediência ao marido entre outras imagens estereotipadas. Como veremos, a revista “Maria” foi um dos instrumentos utilizados pela Igreja Católica na cidade do Recife, para a reprodução e manutenção de um ideal do feminino, ideal este, que correspondia e contribuía para seus interesses. Pois, reforçavam o poder masculino tanto na sociedade quanto dentro dos espaços religiosos.

2 MODELOS DO FEMININO NAS PÁGINAS DE “MARIA”

O periódico “Maria: revista das Congregações Marianas”¹, como órgão da boa imprensa católica, tinha um papel definido de ser uma revista a serviço da Igreja Católica no combate as novidades advindas com a Modernidade. Era uma revista mensal, filiada a Associação dos Jornalistas Católicos, sob a aprovação da Arquidiocese de Olinda e Recife, tendo sua mesa diretora formada por eclesiásticos; seus artigos eram publicados por homens e mulheres ligados/as a Igreja. Desde sua fundação em abril de 1913 até outubro de 1940, sua impressão era realizada pela gráfica da Imprensa Industrial, passando posteriormente para a oficina do “Jornal do Commercio”, ambas situadas em Recife.

Sua distribuição alcançava outras cidades pernambucanas e, até mesmo, de outros Estados do país. As capas apresentavam-se sempre com uma fotografia e/ou ilustração de página inteira, tendo na parte inferior o nome do periódico e a referência à edição e ano da mesma. As imagens das capas eram normalmente coloridas, já as contidas nas demais páginas eram sempre em preto e branco. Geralmente, cada

¹ Neste trabalho, nos detemos a analisar a revista “Maria” entre os anos de 1937 e 1945. Contudo, ressaltamos que esse periódico começou a circular na capital pernambucana em abril de 1913.

exemplar constituía-se entre um número de 25 e 40 páginas, as quais, quase sempre eram impressas em duas colunas.

Em março de 1938, quando celebrou seus 25 anos, publicou em uma edição comemorativa que seu programa seria: “Difundir o culto mariano, enaltecer a fecunda beleza moral da devoção admirável à excelsa Rainha da glória e agrupar as almas em torno do seu manto celeste” (O SEU PROGRAMA, in: MARIA, 1938, p. 30). Apresentando-se, portanto, como um órgão das congregações marianas. Ao longo de suas páginas, em várias seções, especialmente a “Página de Modas e Modos” e na coluna de notas “Respingando”, os editores da revista expunham as intenções da publicação como órgão da boa imprensa².

Seu público alvo eram as jovens sócias da Pia União das Filhas de Maria, as quais não deveriam ter excesso e nem se apegar as seduções modernas. Até nos seus modos de rir, deveria ser comedida como podemos observar no “Decálogo do riso”, na coluna “Respingando” do número 295, publicado em junho de 1938.

- I. Não deves rir pouco demais, porque rir é saudável.
- II. Não deves rir demais, porque o rir demasiado te torna ridículo perante os outros.
- III. Ri, se puderes, das próprias dificuldades da tua vida; assim mostrarás que és mais forte que elas.
- IV. Não te rias dos defeitos alheios; ninguém é perfeito, nem mesmo tu.
- V. Não te rias de teus gracejos senão depois de tê-los terminado; do contrário lhes tirarás antecipadamente toda a graça.
- VI. Aprende a rir de coração como as crianças; se conseguires imitá-las, terás dado um grande passo na ciência da vida.
- VII. Não deves rir em tempo importuno; pois já tem custado lágrimas a muitos.
- VIII. Não deves rir muito alto, porque as gargalhadas causam má impressão.
- IX. Ainda que tenhas os dentes mais lindos do mundo, espera contudo a ocasião oportuna para rir.
- X. Deves rir somente quando o riso te vem do coração, pois só então o riso é verdadeiro, saudável e cativante (DIÁLOGO DO RISO, in: MARIA, 1938, p. 94).

² Por boa imprensa se compreendia os periódicos que eram publicados pelos eclesiásticos, pessoas próximas ao clero ou que se propusessem a combater àqueles que disseminavam a “irreligião” e a “imoralidade”.

Dessa forma, os eclesiásticos iam cristalizando em suas fies, a partir das páginas da revista, uma ideologia que consistia em ter, segundo Ana Claudia Ribas, um:

[...] caráter essencialmente normativo, colocou-se na contramão dessas mudanças, especialmente aquelas que influíam diretamente na organização familiar, considerando-as ameaças à ordem social estabelecida. Fazia-se necessário, então, reforçar seus preceitos através dos discursos, promover o convencimento da população católica de que as transformações sociais traziam consigo a anomia e o caos relacional (RIBAS, 2011, p. 98).

Essas características do discurso estão presentes em quase todos periódicos católicos da primeira metade do século XX, portanto, na revista “Maria” não seria diferente.

Em uma revista direcionada para o público católico, a presença de textos sobre a vida de santos era algo comum, no caso da revista “Maria”, vemos ao longo de sua trajetória, incluindo os anos escolhidos para este artigo, certa frequência de hagiografias e histórias edificantes de personagens importantes para a História da Igreja e, no caso dos santos/as, o foco acabava sendo em algumas peculiaridades em via hagiográfica ou traço a ser sublinhada com o intuito de se dar alguma admoestação aos leitores/as.

Nas páginas do número duplo 278-279, referente aos meses de janeiro e fevereiro de 1937, trazem um histórico sobre Santa Bárbara, considerada padroeira das tempestades, dos flagelos, protetora dos livreiros, dos mineiros, dos soldados e daqueles que “se dedicam a difusão das verdades da Fé e à instrução religiosa da mocidade” (PEDROSA, in: MARIA, 1937, p. 02). Na abertura do texto, temos as atribuições da santa, sendo que o mesmo acontecia no caso da boa imprensa, como podemos perceber em outras matérias da revista.

Enfatiza-se seu caráter de virgem e mártir e, conta-se sua história de sofrimento e abnegação em nome de fé. Pois, ela havia sido prometida em casamento, mas “resistiu às ameaças paternas e as seduções de todos os que, cativos de sua beleza, a queriam como esposa” (PEDROSA, in: MARIA, 1937, p. 02), por conta de sua desobediência foi enclausurada numa torre e lá “instruindo-se melhor nas coisas da fé cristã e praticando a Religião, a foi sacrificar o seu próprio pai que, voltando de longa jornada, se enchera de furor ao saber dos progressos da sua crença”

(PEDROSA, in: MARIA, 1937, p. 02). Foi açoitada pela sua fé, segundo o relato, entregue por seu próprio pai.

Às donzelas cristãs Santa Bárbara oferece ainda um patrocínio, o da pureza virginal. [...] As moças cristãs deveriam ter Santa Bárbara como a sua protetora contra a vaidade das modas indecentes que, certamente, fazem tantos males a santidade dos lares e a santidade mesma da Religião (PEDROSA, in: MARIA, 1937, p. 02).

Um texto intitulado “Como crianças”, publicado no número 284-285, referente aos meses de julho e agosto de 1937, as leitoras e leitores são admoestadas/os para serem como crianças inocentes em um mundo pecaminoso, “pois no Evangelho está categoricamente escrito: ‘se não vos tornardes como crianças, não encontrareis no reino dos céus’” (SAVE, in: MARIA, 1937, p. 151). Como podemos observar, a autora Claudia Save, nos conta a história de uma menina que se viu rodeada de cartazes indecorosos e que teve o ímpeto de afastar a criança das vistas desse elemento. No entanto, a pequena parece não se importar com a figura, devido a sua inocência, “era assim que eu queria ver sempre a tua alma: no meio desta onda infernal de sensualidade, em que o teatro, o cinema, a praia, as vitrines, a rua, a moda, os gestos vivem despojando novamente de suas vestes o Cordeiro” (SAVE, in: MARIA, 1937, p. 151).

Em outra edição o modelo de mulher descrito descarrega as tintas com as imagens da comemoração das bodas de prata da Pia União de Limoeiro do Norte – CE, mostrando com isso o alcance da revista para além do estado pernambucano. Assim, os adjetivos que aparecem na coluna “Movimento Mariano”, na qual se encontra o texto sobre a festa, percebemos o uso de termos como “níveo de brancura lírial era o arauto do altar” da festa (LIMOEIRO, in: MARIA, 1940, p. 158). Onde se via “rosas de seda dispostas com elegância e arte, ressaltadas pelo fulgor dos círios [...], muito delicado, muito distinto e terno como o sorriso da Virgem” (LIMOEIRO, in: MARIA, 1940, p. 158). Na procissão para celebrar as bodas daquela Pia União “todas de branco com os emblemas atravessaram processionalmente as ruas da cidade cantando cheias de entusiasmo” (LIMOEIRO, in: MARIA, 1940, p. 158).

A pureza e a castidade, características tidas essenciais para as jovens Filhas de Maria. Seres que estavam no mundo, mas que não pertenciam a este, tendo como

missão salvar, limpar dos excessos das *coquettes* e das *vamps* de beijos vermelhos. Em um poema de Virgínia de Figueiredo, intitulado “O coração da Filha de Maria”, o qual foi publicado no número 356 de julho de 1943, como editorial, temos uma visão idealizada das características deveriam marcar as filiadas da Pia União. Os seus corações deveriam ter como características: ser um “círio cintilante”, como um “lago cristalino”, ter um “materno perfil”, ser um “espelho terso a refletir”, em “tons angelicais”, como num “jardim de flores adorantes”. Sem excessos, reforçando as características espirituais de humildade e primazia pela vida regrada (Cf.: FIGUEIREDO, in: MARIA, 1943, p. 105).

Portanto, uma Filha de Maria, como citado no artigo “Desejo de uma Filha de Maria”, de autoria de “Maria”, no número 317, de abril de 1940, deveria proceder do seguinte modo: “Jesus, quero dar tudo por todos e tudo a todos [pois], o amor é sacrifício, é dedicação de si mesmo e aquela que ama a Jesus deverá dar tudo por seu amor!” (MARIA, in: MARIA, 1940, p. 41).

Noutra edição, temos um texto intitulado de “Garotas de hoje”, o qual descreve as características não recomendadas para as jovens católicas. As “filhas de Eva” são descritas como tendo “olhos brilhantes, lábios escandalosamente pintados de vermelho, qual pimentão maduro, cabelos louros ‘naturalmente’ pela ‘água oxigenada” (GOROTAS DE HOJE, in: MARIA, 1940, p. 151). Posteriormente, na conversa ficcional, a personagem feminina com essas características é descrita usando gírias e adepta da vida moderna. Gostando de cinema, de cigarros e de variadas amizades masculinas. Em suma, um modelo de mulher ligado, nos dizeres da revista, a evolução da modernidade. Essa mulher de hábitos masculinizados, moderna e exagerada, caricatural, seria o resultado do afastamento da vida religiosa, do seio da Igreja. Assim, em um mundo que está à beira da destruição por essas “Evas”, é que as Filhas de Maria deveriam dar o exemplo e o purificar.

Na edição dupla 280-281, referente aos meses de março e abril de 1937, temos a história de Santa Luiza de Marillac, fundadora das irmãs de caridade São Vicente de Paula, grupo feminino; considerada pela Igreja como patrona das Obras Sociais. No

texto, escrito por Virginia de Figueiredo³, acentua-se o caráter de sua obra, no qual conta-se que ela teria sido obrigada a se casar, o que não a impediu de ao longo de sua vida, auxiliar na fundação de várias irmandades para dar auxílio espiritual e temporal aos pobres, tendo sido auxiliar de São Vicente de Paulo (Cf: FIGUEIREDO, 1937, p. 39).

No editorial do número 288, de novembro de 1937, é citada a vida de Santa Cecília, padroeira dos músicos. Acentua-se em sua vida o caráter de distanciamento do paganismo, numa clara alegoria do papel das Filhas de Maria no mundo moderno. “Vivendo no fausto e entre os mil perigos do paganismo, o seu caráter sem jaça tanto mais experimentava repugnância daquele ambiente de idolatria” (EDITORIAL, in: MARIA, 1937, p. 213). Tornou sua vida conectada às questões dos céus, mesmo prometida, casou-se, mas acabou falecendo junto de seu marido, ainda permanecendo virgem e defendendo até o fim sua religião.

As figuras das santas e de suas resistências ao paganismo e seus martírios em nome da fé é uma constante nesses textos, sendo, na realidade, versões de uma mesma ideia, repetida com diversas roupagens, ao longo dos números da revista. Isso pode ser percebido também em um hino de autoria de Virginia de Figueiredo, chamado “Hino a Santa Inês”, padroeira da Pia União. Na canção é relembra sua história de mártir e de exemplo a ser seguido: “Protetora das Filhas de Maria,/ Nobre, humilde, inocente, Santa Inês;/ Para seres da mocidade o guia,/ Valorosa, ilibada, Deus te fez” (FIGUEIREDO, in: MARIA, 1938, p. 14).

Da mesma maneira que Santa Inês, as moças da Pia União deveriam seguir “conservando a inocência batismal” em um mundo de excessos, deveriam ser “alma forte, num corpo de menina”. Essa aura de mulher pura e edificada era construída a partir do respeito às regras presentes no Manual da Pia União das Filhas de Maria⁴,

³ Virginia de Figueiredo nasceu em 1879, na cidade do Recife. Exerceu o magistério no interior e capital do Estado pernambucano. Era filha do poeta romântico Firmino de Figueiredo; prima dos pintores Pedro Américo e Aurélio de Figueiredo. Foi sócia de uma Pia União das Filhas de Maria, do bairro da Estância. Era uma das colaboradoras mais assíduas da revista “Maria”, contribuindo com suas poesias, prosas e músicas, desde o início do periódico até dezembro de 1960, quando já se encontrava doente e internada em um hospital. Ela faleceu em janeiro de 1961.

⁴ Sobre o Manual da Pia União das Filhas de Maria, recomendamos a leitura de: AMARAL Walter Valdevino do. **Que fizeram “ellas”?** As Filhas de Maria e a Boa Imprensa no Recife, 1902-1922. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2010.

no entanto, a revista e suas matérias, de um modo específico àquelas endereçadas as mulheres, funcionaram como um complemento às regras descritas no próprio Manual. Dessa maneira, a partir das matérias publicadas, molda-se um interior, arraigam-se comportamentos, limitam-se desejos e incentiva-se a castidade, a pureza, ser um exemplo de mulher ao mundo dominado pelos excessos da modernidade, como era indicado no próprio Manual.

O processo de normalização e elaboração de uma figura idealizada de mulher faz parte do ambiente religioso que estão inseridas, para que se sentissem aceitas, integrantes do corpo religioso. Uma vez que: “A norma não tem por função excluir, rejeitar. Ao contrário, ela a norma está sempre ligada a uma técnica positiva de intervenção e de transformação, a uma espécie de poder normativo”, que o chama de “poder de normalização” (FOUCAULT, 2001, p. 62).

Nesse contexto, as mulheres da Pia União, através do seu modo de ser, construído a partir dos modelos de santas e outros símbolos femininos que aparecem nas páginas de “Maria”, acabavam sendo conduzidas ou tuteladas pela figura paterna, mesmo em momentos nos quais apareciam como parte da estrutura de poder de uma associação como a Pia União. Por isso, as imagens que emergem da atuação das mulheres, quase sempre tuteladas pelo sexo masculino, estão envoltas de uma aura de piedade, brancura e inocência.

Outro momento de representar a imagem da mulher na revista “Maria” é nas capas dos números da publicação. A qualidade da impressão da revista era regular, tendo o miolo em papel jornal, com poucas imagens e fotos, e capa em papel de boa qualidade muitas vezes colorido. Ao longo dos anos analisados percebemos uma grande quantidade e representação da virgem Maria nas capas, principalmente focando no seu papel de mãe⁵.

⁵ Não tivemos acesso a todos os números da revista “Maria” tendo em vista que alguns exemplares, como os anos de 1941 e 1942 não estavam disponíveis na Biblioteca Pública de Pernambuco, nem em outro arquivo.

Imagens 1 e 2: Capas da revista “Maria”, referente aos números 354-355 de 1943 e ao número 5 de 1945



Fonte: MARIA, ano 31, n. 354-355, 1943 e MARIA, ano 33, n. 5, 1945.

Ressaltamos que, quando não representavam o ideal feminino estereotipado na figura da Virgem Maria, de uma jovem contrita, eram destacadas figuras masculinas, como santos, anjos e eclesiásticos.

Em outros momentos da revista, seguindo a lógica do discurso médico e do controle do corpo, a mesma estampava matérias em que o discurso científico era usado para chancelar a diferença entre os sexos e conservar o papel da mulher confinada a dona de casa e mãe, ou seja, como inferior aos homens. Como podemos observar na matéria intitulada “O exibicionismo desportivo feminino”, atribuída ao médico Dr. B. Jorge Callado, na qual temos a seguinte afirmação:

A mulher desportiva nem é mulher, nem é homem; é antes de tudo um ser estranho, deformado, falseado, em sua natureza, impróprio a vida moral, social e física dos povos. Se por desgraça, esta praga alastrar, será o fim de tudo, na pavorosa degeneração do gênero humano (CALLADO, in: MARIA, 1940, p. 101).

Faz-se também uma observação de que a mulher esportista não teria bons desempenhos, pois: “No salto em comprimento ou em altura, com élan, a mulher não vai mais longe que o mais insignificante dos saltadores” (CALLADO, in: MARIA, 1940, p. 101). O médico, autor do texto, critica o que chama de virago do esporte, mulher masculinizada criada pela atividade física e ressalta que isso muda suas formas e:

noutros tempos, “dai-me gordura que eu te darei formosura”, era cousa de muito saudar... e tal sentir não era estranho ao conceito filosófico-científico. Se a adiposidade exagerada é de reprovar, não diremos o mesmo da gordura nos limites próprios, indispensáveis à forma, e até ao equilíbrio orgânico da mulher, porque é uma preciosa reserva nutritiva geral para as maternidades futuras. [...] Se lhe não bastam [para as mulheres esportistas] as atividades utilíssimas, fisiológicas, naturais do lar e da casa, naquelas ramificações que são um nunca mais acabar, lá tem as suplementares no camping, nas colônias de férias, nas excursões no mar, na montanha, na ginástica racional dos movimentos do corpo, na equitação, natação e remo, com moderação ou nos jogos de graça e movimentos harmoniosos (CALLADO, in: MARIA, 1940, p. 101).

Nesse sentido, “a mulher, quanto ao seu físico, é destinada a procriar; esta função que a tantas se afigura acessória e até rebaixante, é antes a sua função biológica mais nobre, respeitável e dignificante” (CALLADO, in: MARIA, 1940, p. 102-103). Ao longo do texto, é usado o discurso médico e da ciência para provar que o corpo da mulher não seria apropriado aos exercícios físicos, que deveria entender as limitações e que essas atividades masculinizavam a mulher.

O que a natureza mais que, é que a mulher seja um útero como já quisera que ela fosse um tubo digestivo e como há querer, na sequência de evolução que ela seja a quinta essência do espiritual. O desportista ingênuo, pelos exercícios exagerados e impróprios do sexo, rouba-lhe a melhor defesa natural e transforma-a no monstro físico e moral mais repugnante (CALLADO, in: MARIA, 1940, p. 104).

Esse discurso sobre o corpo da mulher emerge principalmente a partir da metade final do século XIX. A questão do papel social feminino e da sua relação com o sexo masculino estava presente desde antes, como podemos ver nos filósofos iluministas (Diderot, D’Alembert e Rousseau). A questão é que, no século da ciência, o XIX, foram buscadas novas formas e aprofunda-se o interesse por escrutinar o corpo da mulher, buscar curar sua “histeria” e, partir do conhecimento de sua organização fisiológica, explicar o seu papel social inferior ao do homem.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Poderíamos continuar analisando outras tantas matérias de “Maria” sobre o controle dos corpos de suas filiadas, no sentido de mostrar que o combate aos excessos na vida dessas jovens era essencial ao projeto de uma sociedade idealizada pela Igreja Católica, a partir do vigiar, controlar e direcionar a formação de um tipo ideal de mulher cuja finalidade seria, especificamente, ser uma boa esposa, uma boa mãe, ou seja, uma mulher submissa, em identidade e realização pessoal.

Por fim, ressaltamos que, com as Filhas de Maria, os eclesiásticos pretendiam apresentar a sociedade o seu ideal de feminino, pois elas representavam as boas mulheres, aquelas que deveriam ser reservadas, que teriam o cuidado na escolha dos lugares que irão frequentar. Dessa maneira, o que vimos nas páginas do periódico é a construção de tipo de mulher que mesmo tendo uma tarefa de ir ao espaço público, escrever na imprensa e se expressar nela, deveria realizar essas atividades comedidamente, dentro dos limites que a Igreja Católica lhe impunha.

REFERÊNCIAS

AMARAL Walter Valdevino do. **Que fizeram “ellas”?** As Filhas de Maria e a Boa Imprensa no Recife, 1902-1922. Dissertação (mestrado). Universidade Católica de Pernambuco, Pró-reitoria Acadêmica. Mestrado em Ciências da Religião, Recife, 2010.

CALLADO, Dr. B. Jorge. O exibicionismo desportivo feminino. **Maria**: revista das Congregações Marianas. Recife, ano 28, n. 319, p. 101-104 1940.

DIÁLOGO do riso. **Maria**: revista das Congregações Marianas. Recife, ano 26, n. 295, p. 94, 1938.

EDITORIAL. **Maria**: revista das Congregações Marianas. Recife, ano 25, n. 288, p. 213, 1937.

FIGUEIREDO, Virginia. Hino a Santa Inês. **Maria**: revista das Congregações Marianas. Recife, ano 26, n. 290-291, p. 14, 1938.

FIGUEIREDO, Virginia. O coração da Filha de Maria. **Maria**: revista das Congregações Marianas. Recife, ano 31, n. 356, p. 105, 1943.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**: curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: M. Fontes, 2001.

GAROTAS de hoje. **Maria**: revista das Congregações Marianas. Recife, ano 28, n. 321, p. 151, 1940.

LIMOEIRO - Ceará. **Maria**: revista das Congregações Marianas. Recife, ano 28, n. 321, p. 158, 1940.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 111-153.

MARIA. Deseja de uma Filha de Maria. **Maria**: revista das Congregações Marianas. Recife, ano 28, n. 317, p. 41, 1940.

PEDROSA, Xavier. Palavras de parafino. **Maria**: revista das Congregações Marianas. Recife, ano 33, n. 05, p. 52, 1945.

PEDROSA, Xavier. **Maria**: revista das Congregações Marianas. Recife, ano 25, n. 278-279, p. 02, 1937.

PEDROSA, Xavier. Santa Bárbara. **Maria**: revista das Congregações Marianas. Recife, ano 25, n. 278-279, p. 02-06, 1937.

RIBAS, Ana Claudia. A boa imprensa, a política e a família: os discursos normatizantes no Jornal O Apóstolo (1929-1959), **Espaço Plural**, ano 12, n. 24, p. 96-106, 2011. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/viewFile/7240/5312>>. Acessado em: 15 jan. 2018.

SAVE, Claudia. Como crianças. **Maria**: revista das Congregações Marianas. Recife, ano 25, n. 284-285, p. 151, 1937.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica, **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>>. Acesso em: 10 set. 2017.

O SEU programa. **Maria**: revista das Congregações Marianas. Recife, ano 26, n. 292, p. 30, 1938.